



# Relatório de Gestão

## Dezembro



### Cenário Macroeconômico

No cenário doméstico, o mês de dezembro foi marcado por muitas especulações e poucas notícias concretas sobre os rumos do novo governo. As indicações na área econômica seguiram a linha das anteriores e foram, em geral, muito boas, enquanto a equipe de transição parece mais coesa em relação à necessidade da Reforma da Previdência. Há no mercado, atualmente, a expectativa de que o novo governo utilize a reforma proposta por Temer, que já foi aprovada na comissão da Câmara e está pronta para ser votada em plenário, ainda que existam rumores sobre algumas alterações, sem que haja, porém, necessidade de nova aprovação. Se confirmada, essa estratégia deve ser bem recebida pelo mercado, uma vez que reduz o tempo de tramitação.

A decisão do Copom de manter a taxa de juros estável em 6,5% pela sexta reunião seguida já era esperada, ao passo que o comunicado, a ata e as projeções foram interpretadas como uma sinalização de que o Banco Central (BC) não quer que haja, nesse momento, especulações sobre um possível ciclo de baixa de juros.

A tendência dos dados divulgados em dezembro foi similar a dos últimos meses: inflação e atividade seguem surpreendendo negativamente e os de fiscal e setor externo, de forma positiva. O IPCA -15, prévia do IPCA, divulgou inflação de 3,9% no ano, acima dos 2,9% de 2017, mas ainda assim, muito baixa. A inflação de serviços continua caindo e fechou 2018 em 3,5% contra 4,5% de 2017. As expectativas para os próximos anos permanecem ancoradas.

Os dados de atividade decepcionaram na margem. A Produção Industrial Mensal (PIM) apresentou alta de 0,2% no mês após três meses seguidos de queda, enquanto a expectativa era de alta de 1,1%. Nos últimos 12 meses, a PIM cresceu apenas 1,1%. A Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) caiu 0,2% em outubro, após declínio de 1,6% em setembro. Por outro lado, os índices de confiança tem sido destaques favoráveis nos mais diversos setores. Acreditamos que a economia está engatilhada para

crescer, mas depende do impulso das reformas para que seja sustentável.

Os dados fiscais continuam apresentando bons resultados. O déficit acumulado nos últimos 12 meses é de R\$ 99 bilhões, muito abaixo da meta de R\$ 159 bilhões para o ano, e deve encerrar 2018 ao redor de R\$ 120 bilhões. Apesar das boas notícias no curto prazo a sustentabilidade fiscal de médio e longo prazo dependem, mais uma vez, da aprovação das Reformas, principalmente a da Previdência.

No cenário internacional, o ambiente tem se tornado mais desafiador diante de condições financeiras menos favoráveis nas principais economias mundiais no último mês. Dentre os fatores que contribuíram para tal conjuntura, a normalização dos juros nos EUA foi a principal causa do estresse no mercado financeiro.

Embora a alta de juros do FOMC, realizada do dia 19 de dezembro, já fosse amplamente esperada - sendo a quarta elevação de juros em 2018 - Powell mostrou na conferência de imprensa uma perspectiva para a atividade econômica mais otimista do que a avaliação feita pelo mercado, dando menor relevância ao aperto recente das condições financeiras sobre a atividade que vem se fazendo presente desde outubro. Como consequência, a sinalização do FOMC de que o processo de normalização monetária nos EUA ainda não chegou ao fim continua implicando que o FED espera elevações na taxa de juros em maior quantidade do que o esperado.

Além disso, as tensões comerciais e geopolíticas entre EUA e China, a maior incerteza no cenário político americano e mundial causada por Trump, a falta de perspectiva de aprovação de um plano ordenado de *Brexit* no parlamento britânico, a desaceleração da economia global, liderada, não só pelo crescimento mais moderado nos EUA, mas também pelo risco de uma queda mais acentuada da atividade econômica na China com possibilidade de impacto nos países emergentes ao longo de 2019, e corroborada pela contração das economias europeia e japonesa no terceiro trimestre de 2018 trouxeram mais precaução aos investidores e aumentaram o sentimento de aversão ao risco nos mercados globais.

A despeito desse cenário mais instável, os fundamentos das economias americana, europeia e japonesa continuam sólidos. Nos EUA, apesar da piora das condições financeiras, os índices de confiança e atividade se mantêm elevados e o mercado de trabalho continua dando sinais de aquecimento. Nessa linha, o nível de desemprego de novembro permaneceu em seu menor patamar em dezoito anos e deve reduzir ainda mais nos próximos meses. Embora a atividade esteja aquecida e deva continuar crescendo acima do seu potencial por mais alguns trimestres, auxiliada pelo estímulo fiscal empregado por Trump no fim do ano passado, a inflação americana não tem dados sinais de aceleração.

No mês de novembro, a inflação medida pelo PCE ficou novamente abaixo da meta de 2% estabelecida pelo FED pelo quarto mês seguido. A dinâmica da evolução do nível geral de preços tem sido favorável diante da valorização do dólar, da queda recente do preço do petróleo e de baixas expectativas de inflação, o que provê certo espaço para que o FED diminua o ritmo de elevação de juros para acomodar a piora significativa das condições financeiras nos EUA.

Na Zona do Euro, a atividade tem sido afetada pelos números mais fracos da indústria de automóveis, que ainda está lutando para se adaptar às novas regras de emissão de poluentes implementadas pela União Europeia. O nível de atividade do bloco, no geral, permanece robusto, mas, para além do choque da nova regulamentação de emissões, a atividade tem apresentado tendência de moderação que resulta majoritariamente do enfraquecimento do setor externo. Já o consumo doméstico segue consistente e o mercado de trabalho, aquecido, com taxa de desemprego em seu menor patamar desde agosto de 2008.

A inflação de novembro do bloco, no entanto, decepcionou e ficou abaixo do esperado pelo mercado. A demora na elevação dos preços e a atividade mais branda, junto a um cenário externo de maior incerteza, aumentam os riscos de expansão da Zona do Euro para os próximos trimestres.

Cabe ponderar que, apesar da piora marginal do binômio inflação-crescimento, o cenário continua consistente com a

expectativa do ECB, que encerrou o programa de compra de ativos em dezembro.

Na China, por fim, os indicadores de atividade continuam apontando uma moderação no ritmo de crescimento, apesar das medidas tomadas pelo governo para estimular a economia. De certo que um possível acordo futuro com os americanos dará maior capacidade ao governo chinês para atuar sobre o mercado interno a fim de garantir mais um ano de crescimento estável. Nesse cenário, esperamos que as medidas anticíclicas empregadas pelo governo chinês durante o início de 2019 gerem uma desaceleração suave na taxa de crescimento nos próximos trimestres, preservando um cenário global de crescimento substancial, porém mais moderado.

## **Estratégia Multimercado – MACRO**

Ao longo de dezembro, mantivemos o risco do portfólio relativamente constante em relação ao mês anterior. Seguimos com posições compradas em ações brasileiras por considerar que essa é a classe que tem melhor relação risco x retorno no momento. Após a NTN-B 2023 ter alcançado nosso objetivo de retorno, zeramos nossa posição comprada.

Na parte externa da carteira, mantivemos o risco baixo, apenas com alocações mais específicas, como a compra de coroa tcheca contra euro, por avaliarmos que o ambiente externo não tem apresentado uma relação risco x retorno suficientemente atrativa para posições mais direcionais.

Em termos de resultado, a parte nacional da estratégia teve contribuição negativa no mês, onde as perdas ocorreram principalmente nas posições compradas em ações de empresas brasileiras.

Por outro lado, a parte internacional do portfólio apresentou resultado positivo devido à valorização da moeda tcheca contra o a moeda europeia.

## Estratégia Long Short

### ARX Long Short FIC FIM

Em dezembro o fundo apresentou retorno de 0,83%, com uma volatilidade anualizada de 3,00% em 12 meses. Mantivemos exposição bruta (compras + vendas) ao redor de 72% e apresentamos exposição financeira média de 3,5%.

Entre as principais contribuições positivas do fundo, podemos destacar as posições compradas em Hering, Intermédica e Locamerica, enquanto os principais impactos negativos foram decorrentes das posições compradas em Vale e Petrobrás.

Nossa exposição em Hering é baseada principalmente na expectativa de melhora operacional da empresa. A companhia está há alguns anos passando por problemas operacionais diversos, ocasionando uma grande volatilidade nos resultados. No entanto, a recente alteração de sua diretoria com a entrada do Thiago Hering, que tocou lojas franqueadas da empresa por 20 anos, trouxe novo foco tanto para si própria quanto para franqueados.

O novo diretor tem conseguido implementar inúmeras mudanças positivas, tais como a criação de uma área de inteligência de vendas, recomendação do sortimento aos franqueados, reformulação do time de consultores e atendimentos de campo, projeto de integração de vendas *off-line* e *online* e reorganização da estratégia de marketing, que já refletiram nos resultados do 3º trimestre de 2018, divulgados em outubro. Houve aceleração de crescimento das vendas *sell out*, ou seja, vendas na ponta final aos consumidores, e, pela primeira vez em 7 anos, aumento do fluxo de atendimentos por loja, sinalizando que a marca está voltando a atrair consumidores.

Acreditamos, ainda, que essas modificações não impactaram integralmente os resultados da empresa e enxergamos significativa melhoria nos próximos trimestres. Por este motivo, apesar da valorização considerável, mantivemos nossa posição.

## Estratégias Ações

### ARX Income FIA

Em dezembro, a rentabilidade do fundo foi de -0,20% contra -1,81% do Ibovespa. No ano, houve valorização de 29,50% do fundo, enquanto o Ibovespa apresentou em 15,03%.

As principais contribuições positivas no último mês foram Cesp, B2W Digital e Carrefour Brasil. Já os maiores detratores de resultado foram CCR, Petrobras PN e Metalúrgica Gerdau.

Cesp apresentou boa performance devido às perspectivas positivas com a capacidade de geração de valor que o novo controlador pode realizar na companhia. Espera-se que, com um controlador privado e que possua experiência no setor elétrico, a empresa apresente melhora em sua eficiência operacional através de corte de custos e da otimização de sua estrutura de capital. Existe ainda a expectativa de que o controlador tenha sucesso em reduzir o montante de contingências da empresa e que obtenha termos mais favoráveis nas indenizações que ela pleiteia.

Outro destaque positivo do período foi Carrefour Brasil. A ação se beneficiou da dinâmica favorável da inflação de alimentos e da expectativa mais positiva com a recuperação da atividade econômica do país.

Do lado negativo, a CCR recuou após ter apresentado uma valorização acumulada de mais de 50% nos dois meses anteriores. A empresa fechou um acordo de leniência no final de novembro para encerrar o inquérito civil instaurado em março pelo MP-SP. O evento foi bem avaliado pelo mercado, uma vez que a multa estipulada veio aquém das expectativas, representando baixo impacto financeiro negativo e o fim de um potencial passivo. Desde então, não houve nenhum evento relevante para a companhia: é provável que a queda no mês tenha refletido um movimento de realização de lucros dos investidores, após a forte valorização apresentada no curto prazo.

## ARX FIA

No mês de dezembro, a rentabilidade do fundo foi de -0,14% contra -1,81% do Ibovespa. No ano de 2018, o fundo apresentou valorização de 16,00% e o índice, 15,03%.

As principais contribuições positivas, em termos de alfa, vieram de Hering, Banco do Brasil e Hapvida, enquanto as principais perdas vieram de Petrobrás e Ambev.

A melhora no cenário político e a maior perspectiva de crescimento da economia favoreceram as ações ligadas à atividade doméstica, como varejo e bancos.

Acreditamos na expansão relevante da Hapvida nos próximos anos. O modelo verticalizado da empresa apresenta ainda muito espaço para expansão tanto nas regiões que a empresa já atua, norte e nordeste, como em novas localidades. Adicionalmente, está capitalizada para acelerar seu crescimento através de aquisições no ano de 2019.

Por outro lado, as ações da Petrobrás sofreram com a queda de petróleo no mês, mas, diante da geração de valor da atual gestão com menos interferência governamental, da continuação do plano de desinvestimento em ativos não estratégicos e do corte de custos. Continuamos com posição relevante no papel.

As maiores alocações *overweight* do fundo estão nos setores de siderurgia e consumo discricionário, enquanto as maiores alocações *underweight* estão em mineração e consumo básico.

## ARX Long Term FIC FIA

O fundo rendeu 25,48% no segundo semestre de 2018 contra uma variação de 20,79% do Ibovespa no mesmo período. No ano, o fundo apresentou uma valorização acumulada de 19,47% contra uma elevação de 15,03% do índice.

O período foi marcado por importantes eventos tanto na economia doméstica quanto no ambiente externo.

No Brasil, as manchetes foram dominadas pelo processo eleitoral e pela recuperação moderada da atividade econômica, em um ambiente de inflação baixa e taxas de juros em queda. No plano internacional, os destaques mais relevantes foram os embates comerciais entre EUA e China, a continuação do ciclo de aperto monetário promovido pelo FED e a revisão para baixo das expectativas de crescimento da economia global.

A eleição de um governo com um discurso pró-mercado, defendendo a redução do tamanho do Estado e uma economia mais liberal, engendrou uma forte valorização dos ativos de risco domésticos. Os agentes têm se mostrado muito receptivos à agenda apresentada pelo presidente eleito e sua equipe econômica que, combinada à força política do novo governante, faz com que os ativos passem a embutir probabilidades maiores de reformas estruturais no país.

Esse movimento de valorização dos ativos brasileiros só não foi mais amplificado devido à elevação das incertezas externas.

O ano de 2018, em particular o segundo semestre, foi bastante desafiador para os gestores de fundos globais. Praticamente todas as classes de ativos como ações, commodities e crédito, apresentaram retornos anuais negativos – algo que não ocorria desde a crise financeira de 2008. A bolsa norte-americana teve o pior mês de dezembro dos últimos 50 anos.

A desvalorização de grande parte dos ativos globais, em conjunto com o aumento da volatilidade, é consequência da escalada dos fatores de risco macroeconômicos. Além das tensões comerciais envolvendo as autoridades dos EUA e da China, o quadro global foi afetado pelas indefinições na Europa (*Brexit* e crise fiscal da Itália), desaceleração da economia chinesa e pela continuidade do processo de elevação da taxa de juros capitaneado pelo FED.

Diante dessas incertezas, os analistas de mercado começaram a revisar para baixo, de maneira relevante, as projeções de crescimento da economia mundial e alguns economistas começaram a apontar para o risco de recessão ainda em 2019, particularmente nos EUA.

A despeito desse maior receio com a conjuntura mundial, alguns pontos nos deixam mais otimistas com as perspectivas futuras: mesmo após as revisões, a economia mundial deve crescer acima da média histórica em 2019-2020, a inflação global permanece reduzida, as taxas de juros mundiais seguem em patamares historicamente baixos (BCs importantes, como os da Zona do Euro e do Japão, ainda mantêm políticas monetárias expansionistas) e, de maneira geral, as companhias apresentam balanços saudáveis e margens elevadas.

É nesse contexto, de viés construtivo com a economia brasileira, por conta da recuperação cíclica em voga, que será potencializada pelas medidas pró-mercado do novo governo, que mantivemos uma carteira mais direcionada para as ações de companhias mais expostas à atividade doméstica. Observamos que houve um aumento nas incertezas a respeito do cenário global, mas avaliamos que já houve uma incorporação de muitos desses fatores negativos nos preços dos ativos.

No semestre, o fundo teve uma rentabilidade superior ao índice Ibovespa graças à boa performance das ações ligadas à recuperação da atividade econômica. Os maiores geradores de alfa foram os setores de varejo, bancos e propriedades. Os detratores de retorno mais relevantes foram papéis que tinham apresentado um excelente desempenho no semestre anterior, como Hapvida, e empresas mais sensíveis à conjuntura externa, como Embraer e Suzano.

O grande destaque de retorno no setor de varejo foi a Hering. Nossa alocação na companhia é baseada, principalmente, na expectativa de melhora operacional da empresa. A companhia estava há alguns anos passando por problemas operacionais, gerando uma grande volatilidade nos resultados. A recente mudança no corpo executivo da empresa, com a nomeação de Thiago Hering para a Diretoria de Negócios, trouxe novo foco para a companhia e seus franqueados. O executivo possui um profundo conhecimento, pois tocou por 20 anos franquias da empresa.

Thiago vem conseguindo implementar mudanças positivas na companhia. A divulgação do resultado do 3º trimestre de 2018 já mostrou os frutos dessa mudança, com a aceleração de crescimento das vendas *sell out*, isto é, das

vendas na ponta final aos consumidores. Além disso, os atendimentos por loja cresceram pela primeira vez após sete anos, mostrando que a marca Hering voltou a atrair consumidores.

Todas as três alocações em bancos - Itaúsa, Bradesco e Banco do Brasil - geraram um significativo alfa no semestre. Diante desse cenário mais construtivo para a economia brasileira, as ações do setor se beneficiam do movimento de redução de risco país. Além disso, a possibilidade de uma recuperação mais vigorosa da atividade econômica aponta para novo ciclo de expansão de crédito, gerando um impacto positivo sobre os resultados dos bancos.

Após a considerável valorização observada no primeiro semestre, a ação da Hapvida não apresentou o retorno esperado na parte final do ano. Mesmo assim, mantivemos uma exposição relevante no ativo, pois acreditamos que a companhia apresentará uma expansão relevante nos próximos anos. O modelo verticalizado da empresa apresenta ainda muito espaço para crescer, tanto nas regiões que a empresa já atua (Norte e no Nordeste) quanto em novas localidades. Adicionalmente, a ela está capitalizada para acelerar seu crescimento através de aquisições no ano de 2019.

Enfim, apesar do cenário global mais desafiador, diante do elevado potencial de crescimento da economia brasileira, e dos aperfeiçoamentos estruturais que o novo governo poderá implementar, permanecemos com alocações relevantes nos setores mais expostos à economia doméstica. Avaliamos que possuímos uma carteira equilibrada, capaz de suportar a maior volatilidade da conjuntura externa, que contém ações de companhias com capacidade de gerar valor no longo prazo e que apresentam taxas de retorno muito atrativas.



## Estratégia Equity Hedge

### ARX Extra FIC FIM

O fundo rendeu 3,76% no segundo semestre e apresentou um retorno acumulado de 5,98% no ano.

A segunda metade de 2018 foi marcada, no ambiente doméstico, por um período eleitoral bastante turbulento, mas que teve como resultado a eleição de um governo comprometido com a agenda econômica reformista e liberal, que coloca como prioridade a aprovação da Reforma da Previdência. Do lado micro, a expectativa é de mais privatizações, concessões, abertura da economia e alguma simplificação tributária. Diante da elevada capacidade ociosa e do cenário de inflação aparentemente bem benigno para 2019, os juros reais devem permanecer baixos, permitindo a recuperação cíclica da atividade e que pode se tornar estrutural com as reformas.

No cenário internacional, tivemos alta volatilidade causada tanto por questões geopolíticas quanto pelo temor de um aperto monetário mais forte por parte do FED. Esse segundo risco começa o ano com menos força dada a mudança na comunicação de Powell, mas o primeiro ainda é consideravelmente alto. A postura de Trump na questão chinesa vai muito além do comércio e não vislumbramos uma solução definitiva sendo atingida. Acreditamos que 2019 ainda será marcado por muitas turbulências no cenário internacional, ainda que os Bancos Centrais atuem como redutores de volatilidade.

Com relação à parte macro da carteira, iniciamos o segundo semestre de 2018 com posicionamento vendido em Brasil exposto, principalmente, em posições compradas em câmbio diante da nossa avaliação de que os riscos eleitorais eram grandes quando comparados aos prêmios nas principais classes de ativos brasileiros e, especificamente, no câmbio devido à intervenção do Banco Central nesse mercado.

Conforme o real foi desvalorizando, diminuimos nossas posições e entramos no mês das eleições com risco reduzido. A partir desse momento, voltamos a ter posições compradas através de juros nominais, real e bolsa por avaliarmos que o resultado do pleito presidencial e das

casas legislativas havia sido positivo e contribuiria para uma maior probabilidade de aprovação da agenda política reformista. Finalmente, já em novembro, reduzimos as posições em renda fixa e concentramos o risco do portfólio em posições em ações brasileiras.

Nesse sentido, os ganhos do portfólio local se concentraram nas posições de câmbio na primeira metade do semestre e em renda fixa após as eleições.

Entramos no primeiro semestre de 2019 com a carteira liquidamente comprada em Brasil, basicamente através de posições compradas em ações brasileiras. Isso reflete a nossa percepção tanto direcional, de que os prêmios atuais nessa classe de ativo do mercado nacional não refletem de maneira adequada a distribuição de cenários mais positiva que estamos antecipando, quanto em termos relativos, de que com a queda de juros recente, essa tende a ser a melhor alocação dos recursos mantidos no país.

Na parte de renda fixa internacional, operamos com posições táticas com risco reduzido. A despeito dos dados mais fortes de atividade nos Estados Unidos durante boa parte do último semestre de 2018, decidimos não ter posições tomadas significativas pois os riscos derivados da política comercial americana em relação à China eram significativos e sistêmicos para a economia global.

Foi esse mesmo risco que nos fez zerar com perdas as posições compradas em bolsas globais, exposta especialmente pela compra de ações japonesas. Dessa forma, em termos de posicionamento, ficamos zerados a partir da segunda metade do semestre.

Finalmente, na parte de moedas internacionais, tivemos contribuição perto de zero, com ganhos na compra de dólar neozelandês contra dólar australiano compensados pela perda de prêmio nas opções de dólar americano contra yuan chinês.

Começamos o primeiro semestre de 2019 com risco reduzido em posições internacionais. Seguimos a tônica do final de 2018 e mantivemos apenas posições com riscos mais específicos, como a posição comprada em coroa tcheca contra o euro. Adotamos essa postura por avaliar que o ambiente externo ainda não apresenta risco x retorno suficientemente atrativo para posições mais direcionais.

Na estratégia relativa à alocação em Bolsa, o fundo teve um impacto positivo devido ao alfa da carteira, dado que a exposição líquida no período foi muito pequena – o beta foi, praticamente, nulo.

As maiores contribuições positivas vieram das exposições nos setores de varejo, siderurgia e bancos. O destaque individual de geração de alfa foi a posição comprada em Hering.

Nossa alocação na companhia é baseada, principalmente, na expectativa de melhora operacional da empresa. A companhia estava há alguns anos passando por problemas operacionais, gerando uma grande volatilidade nos resultados. A recente mudança no corpo executivo da empresa, com a nomeação de Thiago Hering para a Diretoria de Negócios, trouxe novo foco para a companhia e seus franqueados. O executivo possui um profundo conhecimento, pois tocou por 20 anos franquias da empresa.

Thiago vem conseguindo implementar mudanças positivas na companhia. A divulgação do resultado do 3º trimestre de 2018 já mostrou os frutos dessa mudança, com a aceleração de crescimento das vendas *sell out*, isto é, das vendas na ponta final aos consumidores. Além disso, os atendimentos por loja cresceram pela primeira vez após sete anos, mostrando que a marca Hering voltou a atrair consumidores.

Acreditamos que as mudanças implementadas, como a criação da área de inteligência de vendas, a recomendação do sortimento aos franqueados, a reformulação do time de consultores e atendimentos de campo, o projeto de integração de vendas *off-line* e *online* e a reorganização da estratégia de marketing da companhia, para citar alguns exemplos, ainda não geraram o impacto integral nos resultados da empresa. Ainda enxergamos um grande potencial de melhoria nos próximos trimestres. Por isso, a despeito da considerável valorização da ação nos últimos meses, mantivemos nossa posição comprada em Hering.

## Estratégia Crédito Privado

Conforme antecipávamos, o pipeline de novas emissões de dívida foi bastante forte em dezembro. Diversas companhias aproveitaram a última janela do ano para emitir com um mercado bastante demandado por fundos dedicados a estratégia de crédito privado. Assim, durante o mês aproveitamos estas emissões para adequar o portfólio dos fundos ao crescimento do patrimônio líquido, aumentando a diversificação de nossas posições.

Ao longo do período, participamos das emissões primárias de DASA, Celeos Transmissora, Régis Bittencourt, Saneago, Localiza Fleet, EDTE e FIDC Automotivo.

A performance de dezembro foi positivamente impactada pelas posições de Light SESA, Tenda e Smartfit, ao passo que a posição em Rio Loan 2 contribuiu negativamente.

## Rentabilidade (%)

Estratégias/Fundos	Dez-18	Nov-18	Out-18	Ano <sup>1</sup>	12 meses	Desde o início	Data de início	PL médio 12 meses <sup>2</sup>
<b>DI</b>								
<b>BNY Mellon ARX Cash FI RF CP</b>	<b>0,45</b>	<b>0,45</b>	<b>0,50</b>	<b>5,87</b>	<b>5,87</b>	<b>558,02</b>	<b>13/06/02</b>	<b>24.703</b>
% do CDI	91,43	91,41	91,44	91,45	91,45	90,32		
<b>BNY Mellon ARX FI RF Ref. DI LP</b>	<b>0,44</b>	<b>0,44</b>	<b>0,49</b>	<b>5,77</b>	<b>5,77</b>	<b>312,94</b>	<b>03/02/05</b>	<b>128.855</b>
% do CDI	89,20	89,44	90,08	89,87	89,87	90,22		
<b>Multimercado</b>								
<b>ARX Target Institucional FIM</b>	<b>0,16</b>	<b>0,47</b>	<b>0,97</b>	<b>7,22</b>	<b>7,22</b>	<b>1.176,72</b>	<b>02/09/99</b>	<b>78.727</b>
% do CDI	33,20	94,26	178,70	112,36	112,36	114,60		
<b>ARX Especial FIC FIM<sup>2</sup></b>	<b>-0,23</b>	<b>0,39</b>	<b>1,30</b>	<b>6,62</b>	<b>6,62</b>	<b>171,06</b>	<b>15/12/09</b>	<b>154.864</b>
% do CDI	-47,26	79,27	240,31	103,00	103,00	121,34		
<b>Equity Hedge</b>								
<b>ARX Extra FIC FIM</b>	<b>0,07</b>	<b>0,45</b>	<b>1,50</b>	<b>5,98</b>	<b>5,98</b>	<b>817,16</b>	<b>23/12/03</b>	<b>397.248</b>
% do CDI	14,77	91,82	276,93	93,13	93,13	190,52		
<b>Long Short</b>								
<b>ARX Long Short FIC FIM<sup>1</sup></b>	<b>0,83</b>	<b>0,49</b>	<b>1,84</b>	<b>5,96</b>	<b>5,96</b>	<b>545,10</b>	<b>16/03/05</b>	<b>97.652</b>
% do CDI	168,54	98,55	338,07	92,72	92,72	160,90		
<b>Ações</b>								
<b>ARX Income FIA</b>	<b>-0,20</b>	<b>4,13</b>	<b>14,43</b>	<b>29,50</b>	<b>29,50</b>	<b>5.096,37</b>	<b>17/06/99</b>	<b>233.049</b>
vs. Ibovespa (em p.p.)	1,61	1,75	4,24	14,47	14,47	4.444,62		
<b>ARX FIA</b>	<b>-0,14</b>	<b>3,03</b>	<b>13,30</b>	<b>16,00</b>	<b>16,00</b>	<b>1.733,99</b>	<b>18/07/01</b>	<b>23.642</b>
vs. Ibovespa (em p.p.)	1,67	0,65	3,12	0,96	0,96	1.205,64		
<b>ARX Long Term FIC FIA<sup>3</sup></b>	<b>2,48</b>	<b>4,94</b>	<b>14,83</b>	<b>19,47</b>	<b>19,47</b>	<b>654,25</b>	<b>05/09/08</b>	<b>88.574</b>
vs. Ibovespa (em p.p.)	4,29	2,56	4,64	4,44	4,44	121,98		
<b>Previdência</b>								
<b>ARX Income Icatu Previdência FIM</b>	<b>0,42</b>	<b>2,68</b>	<b>9,55</b>	<b>18,70</b>	<b>15,03</b>	<b>974,76</b>	<b>21/09/00</b>	<b>26.359</b>
						447,79		
<b>Indexadores</b>								
<b>CDI</b>	<b>0,49</b>	<b>0,49</b>	<b>0,54</b>	<b>6,42</b>	<b>6,42</b>			
<b>Ibovespa</b>	<b>-1,81</b>	<b>2,38</b>	<b>10,19</b>	<b>15,03</b>	<b>15,03</b>			
<b>Small Cap</b>	<b>2,10</b>	<b>4,79</b>	<b>12,59</b>	<b>8,13</b>	<b>8,13</b>			



## Informações Importantes



BNY Mellon ARX Cash: O fundo tem por objetivo acompanhar a variação do CDI no curto prazo. Destinado ao público em geral. Taxa de administração de 0,5%a.a. Não há taxa máxima de administração. Não há taxa de performance. Aplicações e resgates cotizam em D0. Classificação ANBIMA: Curto Prazo. Aplicação Inicial Mínima: não há. Saldo de permanência no fundo: não há. Movimentação Mínima: não há. ● BNY Mellon ARX FI Renda Fixa Referenciado DI LP: O fundo busca obter remuneração diária próxima ao CDI. Destinado ao público em geral. Taxa de administração de 0,5%a.a. Não há taxa máxima de administração. Não há taxa de performance. Aplicações e resgates cotizam em D0. Classificação ANBIMA: Referenciado DI. Aplicação Inicial Mínima: não há. Saldo de permanência no fundo: não há. Movimentação Mínima: não há. ● ARX Target Institucional FIM: O fundo busca superar o CDI mediante a aplicação em carteira diversificada de ativos. Destinado ao público em geral. Taxa de administração de 0,9%a.a. Taxa de administração máxima de 1,35%a.a. Taxa de performance de 20% sobre o que exceder o CDI. Aplicações e resgates cotizam em D0. Resgates liquidam em D+1. Classificação ANBIMA: Multimercados Macro. Aplicação Inicial Mínima: R\$ 5.000. Saldo de permanência no fundo: R\$ 1.000. Movimentação Mínima: R\$ 1.000. ● ARX Especial FIC FIM: O fundo busca superar o CDI mediante a aplicação em carteira diversificada de ativos. Destinado ao público em geral. Taxa de administração de 2%a.a. Taxa de administração máxima de 3%a.a. Taxa de performance de 20% sobre o que exceder o CDI. Aplicações cotizam em D0 respectivamente. Resgates cotizam em D+4 ou D+0. Resgates liquidam em D+1 (dia útil) após a cotização do resgate. Classificação ANBIMA: Multimercado Macro. Aplicação Inicial Mínima: R\$ 20.000. Saldo de permanência no fundo: R\$ 5.000. Movimentação Mínima: R\$ 5.000. ● ARX Extra FIC FIM: O objetivo do fundo é aproveitar as melhores oportunidades de investimento através de uma administração ativa agressiva na alocação de seus recursos, visando superar o CDI ao longo prazo. Destinado ao público em geral. Taxa de administração de 2%a.a. Taxa de administração máxima de 2,5%a.a. Taxa de performance de 20% sobre o que exceder o CDI. Cotização em D0 com taxa de saída de 5% (cinco por cento) sobre o valor do montante resgatado e pagamento em D+1. Com isenção de taxa de saída: D+30, para conversão no próximo dia útil. Classificação ANBIMA: Multimercado Estratégia Específica. Aplicação Inicial Mínima: R\$ 20.000. Saldo de permanência no fundo: R\$ 5.000. Movimentação Mínima: R\$ 5.000. ● ARX Long Short FIC FIM: O objetivo do fundo é aproveitar as melhores oportunidades de investimento através de uma combinação em lastro de títulos públicos federais com uma administração ativa em ações, utilizando instrumentos disponíveis tanto no mercado à vista quanto em derivativos. O fundo visa superar o CDI no longo prazo. Destinado ao público em geral. Taxa de administração de 2%a.a. Taxa de administração máxima de 2,5%a.a. Taxa de performance de 20% sobre o que exceder o CDI. Aplicações e resgates cotizam em D+1 e D+4 respectivamente. Resgates liquidam em D+5. Classificação ANBIMA: Multimercado Estratégia Específica. Aplicação Inicial Mínima: R\$ 20.000. Saldo de permanência no fundo: R\$ 5.000. Movimentação Mínima: R\$ 5.000. ● ARX Income FIA: O objetivo do fundo é auferir rendimentos superiores à taxa de juros no longo prazo, por meio de investimento em ações. Destinado ao público em geral. Taxa de administração de 3%a.a. Taxa de administração máxima de 4%a.a. Não há taxa de performance. Aplicações cotizam em D0. Resgates cotizam em D+1. Resgates liquidam em D+4. Classificação ANBIMA: Ações Dividendos. Aplicação Inicial Mínima: R\$ 20.000. Saldo de permanência no fundo: R\$ 5.000. Movimentação Mínima: R\$ 5.000. O Ibovespa é mera referência econômica e não parâmetro objetivo do fundo. ● ARX FIA: O fundo busca, através de uma escolha seletiva de ativos, maximizar o retorno de seus investimentos em ações, visando superar o Ibovespa. Destinado ao público em geral. Taxa de administração de 1,5%a.a. Taxa de administração máxima de 2,0%a.a. Taxa de Performance: 20% do que exceder o Ibovespa. Aplicações cotizam em D0. Resgates cotizam em D+1. Resgates liquidam em D+4. Classificação ANBIMA: Ações Ibovespa Ativo. Aplicação Inicial Mínima: R\$ 20.000. Saldo de permanência no fundo: R\$ 5.000. Movimentação Mínima: R\$ 5.000. ● ARX Long Term FIC FIA: O Fundo busca obter retornos absolutos não correlacionados a quaisquer índices. Destinado a investidores qualificados que estejam dispostos a aceitar os riscos inerentes ao mercado de renda variável. Taxa de administração de 2%a.a. Taxa de administração máxima de 2,5%a.a. Taxa de performance de 20% do que exceder o Ibovespa; Aplicações cotizam em D0. Resgates cotizam em D+30. Resgates liquidam em D+3 (Dias Úteis) após a cotização. Classificação ANBIMA: Ações Livres. Aplicação Inicial Mínima: R\$ 20.000. Saldo de permanência no fundo: R\$ 5.000. Movimentação Mínima: R\$ 5.000. O Ibovespa é mera referência econômica e não parâmetro objetivo do fundo. ● ARX Income IcatuPrevidência FIM: O fundo busca proporcionar liquidez, proteção e rendimento aos planos de previdência atrelados a ele, através de investimentos em carteira diversificada de ativos financeiros. O fundo é destinado, exclusivamente, a receber recursos referentes às reservas técnicas de planos estruturados na modalidade de contribuição variável, cuja remuneração esteja calculada na rentabilidade de carteiras de investimentos PGBl e VGBL da ICATU HARTFORD SEGUROS S/A. Taxa de administração de 1,9%a.a. Não há taxa de administração máxima. Não há taxa de performance. Classificação ANBIMA: Previdência multimercados com renda variável. Não há Aplicação Inicial Mínima, Saldo de permanência no fundo ou Movimentação Mínima. O CDI é mera referência econômica e não parâmetro objetivo do fundo. ● Horário para aplicações e resgates: das 10:00h às 14:00h. ● Fundos de investimento não contam com a garantia do administrador, do gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou, do fundo garantidor de créditos – FGC. A Rentabilidade passada não representa garantia de rentabilidade futura. A Rentabilidade divulgada não é líquida de impostos e taxa. Leia o prospecto e o regulamento antes de investir. Em atendimento à Instrução CVM nº 465, desde 02/05/2008, os fundos de renda variável deixaram de apurar sua rentabilidade com base na cotação média das ações e passou a fazê-lo com base na cotação de fechamento. Assim comparações de rentabilidade devem utilizar, para períodos anteriores a 02/05/2008, a cotação média dos índices de ações e, para períodos posteriores a esta data, a cotação de fechamento. Os fundos ARX Especial FIC FIM, ARX Extra FIC FIM, ARX Long Short FIC FIM e ARX Long Term FIC FIA estão autorizados a realizar aplicações em ativos financeiros no exterior. Não há garantia de que os fundos multimercados e de renda fixa terão o tratamento tributário para fundos de longo prazo. Alguns fundos geridos pela ARX Investimentos utilizam estratégias com derivativos como parte integrante de sua política de investimento. Tais estratégias, da forma como são adotadas, podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas. As taxas de administração máximas previstas compreendem a taxa de administração mínima e o percentual máximo que a política do fundo admite despendido em razão das taxas de administração dos fundos de investimento investidos. Tais estratégias, da forma como são adotadas, podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas. Os fundos de ações e multimercados com renda variável podem estar expostos a significativa concentração em ativos de poucos emissores, com os riscos daí decorrentes. O indicador CDI é mera referência econômica, e não meta ou parâmetro de performance para os fundos de Previdência e Ações. O indicador Ibovespa é mera referência econômica, e não meta ou parâmetro de performance para os fundos DI, Multimercados, Equity Hedge, Long Short, Previdência. Os indicadores IGPm+6% e Small Cap são meras referências econômicas, e não meta ou parâmetro de performance para os Fundos DI, Multimercados, Equity Hedge, Long Short, Previdência, ARX Income FIA, ARX FIA e ARX Long Term FIC FIA. ● Administrador/Distribuidor: BNY Mellon Serviços Financeiros DTVM S.A. (CNPJ: 02.201.501/0001-61). Av. Presidente Wilson, 231, 11º andar - Rio de Janeiro, RJ, CEP 20030-905 - [www.bnymellon.com.br/sf](http://www.bnymellon.com.br/sf). ● Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC): [sac@bnymellon.com.br](mailto:sac@bnymellon.com.br) ou (21) 3219-2600 ou 0800 021 9512. ● Ouvidoria: [ouvidoria@bnymellon.com.br](mailto:ouvidoria@bnymellon.com.br) ou 0800 021 9512.

© 2018 The Bank of New York Mellon Corporation

